

### 3

## A compreensão moltmanniana de Deus

O encontro do cristianismo com a cultura grega trouxe um elemento novo à tradição teológica, uma vez que para se fazer compreensível, a fé cristã foi traduzida não apenas para a língua, mas igualmente para as estruturas do pensamento grego, em diálogo com a sua metafísica. Esforços como os de Santo Irineu de Lion, Santo Hilário de Poitiers, Santo Agostinho, bem como os dos demais padres da Igreja nos primeiros séculos seguintes ao testemunho apostólico, e na Idade Média com Santo Anselmo, Santo Tomás de Aquino e outros apontam nesta direção.

Porém, ao longo desses dois milênios a teologia tem caído nas armadilhas do dualismo antropológico e com a conseqüente relação de oposição entre Deus e Deus mesmo, entre Deus e mundo, Igreja e sociedade. O discurso sobre Deus foi e é profundamente afetado neste horizonte de compreensão, tornando-se mais propriamente um discurso sobre a divindade, não obstante as tentativas mais ou menos aproximadas do testemunho bíblico de Deus<sup>1</sup>.

No horizonte de compreensão de mundo da cultura grega, especificamente o neo-platonismo dos séculos III e IV da era cristã, o ser divino é demonstrado na relação de oposição entre finitude e infinitude, motor imóvel e movimento, passividade e impassividade, a partir da pergunta sobre a origem dos deuses e do cosmo<sup>2</sup>.

A teologia cristã, para falar de Deus, deve partir de Jesus Cristo. Ele, o Filho, revela a Trindade. O cristianismo se edifica a partir desta original profissão de fé, ou seja, Deus é Trindade na Unidade e Unidade na Trindade, conforme o testemunho neotestamentário e a longa tradição teológica que tem se debruçado sobre esta temática fundamental, procurando em cada época dar razões da

---

<sup>1</sup> Cf. SATTTLER, D.; SCHNEIDER, T., *Doutrina sobre Deus*, in: SCHNEIDER, T. (Org.), *Manual de dogmática*, Vol I, pp. 80-113. Os autores deste artigo trazem uma abordagem histórico-dogmática do desenvolvimento da doutrina sobre Deus ao longo dos dois milênios da fé cristã, em diálogo com as filosofias de cada época. Neste desenvolvimento, noções metafísicas tornaram-se premissas da compreensão cristã de Deus no desenvolvimento teológico.

<sup>2</sup> Cf. SATTTLER, D.; SCHNEIDER, T., *Doutrina sobre Deus*, in: SCHNEIDER, T. (Org.), *Manual de dogmática*, Vol I, pp. 80-83.

esperança, seja no combate às heresias cristológicas dos primeiros séculos<sup>3</sup>, seja no árduo trabalho de fundamentação da práxis cristã e no imprescindível diálogo com as demais ciências. A finalidade desta revelação é o convite à humanidade, e nela à toda a criação, de tomar parte da comunhão divina, comunhão de amor que a tudo fundamenta e plenifica; em suma, a salvação do ser humano<sup>4</sup>.

H. Kesslerm afirma que o centro da fé cristã é uma pessoa, não uma ideia, e esta pessoa, Jesus Cristo, “dá a chave para todo o resto: para a compreensão de Deus, de ser humano e de mundo, de revelação, graça e redenção, de comunhão eclesial e sua ação, de futuro, de ética cristã e de prática de vida cristã”<sup>5</sup>. Na mesma direção, segundo Bento XVI, “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”<sup>6</sup>. Como podemos observar, em Jesus Cristo se dá a revelação de Deus. Ele é o Filho que revela o Pai pela história das relações entre Pai e Filho no Espírito Santo. E é este o caminho trilhado pela teologia trinitária contemporânea, que parte da cristologia para se compreender o mistério da Trindade. E para J. Moltmann, esta revelação acontece no evento da cruz e ressurreição de Jesus Cristo, como desenvolveremos a seguir.

No capítulo precedente nos ocupamos da pergunta fundamental por Deus em J. Moltmann, que encontrou eco no grito de abandono do Crucificado. No evento da cruz de Cristo, J. Moltmann se deparou com um Deus capaz de sofrer, solidário às dores e angústias dos homens e das mulheres. E foi justamente esse Deus *descoberto* que o alcançou desde a tragédia da guerra até a apatia da prisão nos campos de prisioneiros ingleses, e que o despertou para a esperança, tirando-o do estado de resignação, para um estado de aflição e movimento. Se de todos os desmoronamentos vividos por J. Moltmann os que ficaram de pé foram a certeza de sua dor e o Crucificado abandonado com os abandonados e por eles, então é neste evento da cruz que se funda o Mistério de Deus. E é este Deus promitente e fidedigno revelado pelo Crucificado ressuscitado que fundamenta a esperança.

<sup>3</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 139. O nosso autor faz distinção entre *origem* – testemunho neotestamentário e liturgia batismal – e *forma* – na defesa contra as heresias cristológicas – da doutrina trinitária.

<sup>4</sup> Cf. DV 6.

<sup>5</sup> KESSLERM, H., *Cristologia*, p. 220. In: SCHNEIDER, T. (Org.), *Manual de dogmática*, Vol I, pp. 219-400.

<sup>6</sup> BENTO XVI, *Deus caritas est*, n. 1. Disponível em: <<https://goo.gl/GbIFno>>. Último acesso em 26 de janeiro de 2016.

Nos deteremos, neste capítulo, ao recorte do Evento Pascal de Jesus Cristo como revelação do mistério da Trindade em J. Moltmann, tendo como pano de fundo o evento da cruz. Entendemos que a insistência de J. Moltmann em abrir suas reflexões com o seu testemunho pessoal de grito e procura por Deus, seja em suas obras, seja em palestras e conferências<sup>7</sup>, encontra aqui seu ponto central e o fundamento de sua teologia, conforme o mesmo atesta:

Eu pessoalmente me empenhei em compreender uma teologia da cruz, pensando-a trinitariamente, e compreender a doutrina trinitária através da teologia da cruz. Na intenção de compreender a morte do filho no seu significado para o próprio Deus, obriguei-me a abandonar a distinção tradicional entre Trindade imanente e Trindade econômica, segundo a qual a cruz só entra na economia da salvação, mas não afeta a Trindade imanente. Por esse motivo é que, concordando perfeitamente, acolhi a tese de Karl Rahner: “A Trindade ‘econômica’ é a Trindade ‘imanente’, e vice-versa”<sup>8</sup>.

A mútua implicação das teologias da cruz e da Trindade em J. Moltmann avança para a compreensão das consequências deste evento no seio da Trindade. A morte de Jesus na Cruz, a partir da Sua ressurreição, deixa de ter apenas um significado *para nós* e passa também a ter um significado *para Deus*. É nesta mútua significação que as relações entre Deus e o mundo ganham novo sentido, pois este mundo afeta o mais íntimo de Deus, e o mais íntimo de Deus, que é amor criativo e convidativo, transforma este mundo a partir de Seu futuro. Aquele que veio em Seu amor é Amor que se abre desde sempre. Na citação acima, densa de significação, J. Moltmann rechaça qualquer imagem de Deus que o identifica como imóvel, apático, impassível. Podemos aplicar uma consequência de uma teologia que entenda Deus com as categorias metafísicas elencadas: resulta desta imagem uma teologia e uma igreja narcísicas, que nada de relevante têm a apresentar à sua geração acadêmica e eclesial, e à sociedade como um todo, sobretudo no diálogo franco que têm o grave dever de estabelecer e participar com as demais ciências<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> Nos dias 19 a 21 de setembro de 2016, J. Moltmann esteve na Faculdade Unida, em Vitória – Espírito Santo, para participar como palestrante de um seminário internacional de teologia, promovido pela faculdade supra, com a temática: *Vida, esperança e justiça: Jürgen Moltmann e a América Latina*. Sua conferência de abertura abordou a temática: *Tu me conduzes sempre pelo espaço abrangente de tua graça. Uma teologia construída em diálogo com a vida*. C. Kuzma aponta uma outra tradução para a expressão germânica *Weiter Raum*, como lugar espaçoso. *Weiter Raum* é uma expressão muito significativa nos escritos de J. Moltmann, e esta foi como que a chave hermenêutica da sua teologia biográfica, nesta primeira conferência. Sobre esta expressão, cf. nota de rodapé 30 em: KUZMA, C., *O futuro de Deus na missão da esperança*, p. 85.

<sup>8</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 169.

<sup>9</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, pp. 20-21.

Além de desconstruir a imutabilidade e apatia de Deus, J. Moltmann aponta para sua opção hermenêutica de compreender a doutrina trinitária a partir da história de Cristo, o Filho, conforme narrado pelo testemunho neotestamentário. A partir deste testemunho, nosso autor lê a história bíblica em chaves trinitárias, e dessa leitura tece a sua própria contribuição para a teologia. A Trindade em J. Moltmann afeta e é afetada pelo mundo. “A Trindade econômica não apenas revela a Trindade imanente, mas também retroage sobre ela”<sup>10</sup>.

Partir desta opção hermenêutica leva a reconhecer que o discurso sobre Deus e a consequente doutrina trinitária não podem ser objeto de mera especulação, mas de uma experiência capaz de transformações pessoal, eclesial e social, pois na revelação do Filho a humanidade descobre esse Deus como aquele que é Amor, e se descobre a si mesma nesta comunhão de amor de Deus e para a comunhão nesse mesmo amor com esse Deus. Nas palavras de J. Moltmann:

quando o homem, pela fé, experimenta como Deus o experimentou e ainda o experimenta, então Deus para ele deixa de ser a causa abstrata do mundo ou a origem desconhecida do seu sentimento de total dependência, passando a ser o *Deus vivo*. A si mesmo se reconhece no espelho do amor, do sofrimento e da alegria de Deus<sup>11</sup>.

O conteúdo da doutrina trinitária não poderá nunca ser mera especulação. A revelação da Trindade é um evento aberto de comunhão. É nesta comunhão íntima e aberta que somos experimentados por Deus, pois no Filho feito homem, cuja Encarnação fundamenta e retroage a criação em perspectivas soteriológicas, somos Seus irmãos e filhos de Seu Pai que, no Espírito é o nosso Pai. A compreensão de Deus é visceralmente autoimplicativa. A Trindade é o Deus vivo, e convida a humanidade para participar de Sua relação viva, amorosa, livre e libertadora. Nesta belíssima afirmação citada acima de que o ser humano “se reconhece no espelho do amor, do sofrimento e da alegria de Deus”, poderemos compreender o significado dessas palavras de São Paulo, com as quais conclui o hino do amor: “hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte; mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido”<sup>12</sup>.

O testemunho neotestamentário da história de Cristo aponta para a necessidade de uma hermenêutica que, com honestidade, seja capaz de

<sup>10</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 169.

<sup>11</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 20. Grifo do autor.

<sup>12</sup> 1Cor 13, 12.

compreender o mistério da Trindade de modo integral, refutando qualquer justaposição entre Deus e mundo e uma tal redução da doutrina da Trindade a um “*monoteísmo cristão*” de cunho modalista<sup>13</sup>. É na história trinitária de Jesus Cristo que se funda a hermenêutica trinitária da história bíblica. E é esta hermenêutica, assumida por J. Moltmann, a que mais aproxima a compreensão cristã de Deus. Na história de Jesus Cristo, Deus não se revela a si próprio de modo genérico,

mas sim é o Filho que revela o Pai (Mt 11,27), e o Pai que revela o Filho (Gl 1,16). Deve, pois, falar de ‘autoentrega’ de Deus’, onde, segundo o testemunho neotestamentário, é Deus que ‘entregou o seu próprio Filho por nós’ (Rm 8,32), e ‘foi o filho que se entregou a si próprio por mim (Gl 2, 20). [...] Por esse motivo, nós partimos do seguinte pressuposto: *O novo testamento fala de Deus, na medida em que narra e anuncia as relações comunitárias, extensivas ao mundo, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo*<sup>14</sup>.

Partindo do testemunho neotestamentário, J. Moltmann prefere a expressão autoentrega como mais apropriada, que a expressão autorrevelação, pois esta deixa escapar uma certa “*interpretação monoteísta*”<sup>15</sup> na compreensão de Deus. Na realidade, os evangelhos e os demais livros do Novo Testamento apontam para a dupla entrega, que no fundo trata-se de uma só: a do Pai, que entrega o Seu Filho e o Filho que se entrega em conformidade à vontade do Pai. Estas entregas se unem na perspectiva do amor, que é a mais profunda relação do Pai e do Filho no Espírito. Deus se entrega, doa-se a si mesmo, esvazia-se nesse doar para que o outro seja, plenifica com Sua glória este ser criado para ser nele o seu tudo, que podemos entender como essas vivas relações trinitárias abertas e extensivas ao mundo.

Na história de Cristo a Trindade é revelada numa viva comunhão de *relações*<sup>16</sup>, em si mesma e com o mundo criado. Uma relação viva a tal ponto que Deus, revelado nesta história, é vivo e aberto ao mundo, cujas relações não são

<sup>13</sup> J. Moltmann aponta tais reduções nas teologias trinitárias de K. Barth e K. Rahner. Deste último, apesar de indicar que K. Rahner faz retroceder a doutrina trinitária ao *monoteísmo cristão*, caindo assim no modalismo que procurou evitar e criticar, acolhe o seu axioma fundamental, mas no sentido de que a Trindade econômica não somente revela e se identifica, mas igualmente retroage sobre a Trindade imanente. Cf. MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, pp. 149-159 e p. 169. Sobre a discussão e acolhida na teologia católica do axioma fundamental de K. Rahner, ver: LADARIA, L. F., *O Deus vivo e verdadeiro*, pp. 37-52.

<sup>14</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, pp. 77-78. Grifo do autor.

<sup>15</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 77. Nosso autor entende que optar pela expressão autorrevelação tratar-se-ia de uma redução da história de Deus conosco como obra de um único sujeito. Grifo do autor.

<sup>16</sup> São relações, porque não há um modelo fixo na ação conjunta das Pessoas. Cf. MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 106.

apenas exclusivas, mas inclusivas<sup>17</sup>. Neste sentido é que J. Moltmann afirma que “Deus não pode ser pensado apenas em seu significado para o mundo, e para a história humana. É preciso considerar também o mundo e a história humana naquilo que eles significam para Deus”<sup>18</sup>. O mundo criado e a história humana são o mundo e a história da Trindade. Mas exatamente por ser de Deus, este mundo é aberto ao Seu futuro. O tempo escatológico que aponta para o futuro onde “Deus será tudo em todos”<sup>19</sup> foi inaugurado pelo envio do Filho.

A compreensão trinitária que brota desta constatação é que não se trata de um Deus indeterminado, uma substância suprema ou sujeito absoluto das filosofias grega e moderna, assumidas pela teologia em seu discurso sobre Deus ao longo da sua tradição<sup>20</sup>. Abre-se para a humanidade a eterna relação no amor do Pai e do Filho, e esta é chamada a participar e corresponder pela fé a este amor, mediante ação do Espírito Santo, pois é Ele quem “conduz os homens ao seio da comunidade do Filho com o Pai”<sup>21</sup>. O Deus revelado no envio do Filho inclui a humanidade em Suas recíprocas relações de comunhão: “Através do envio, a comunhão do Pai e do Filho se torna tão ampla, a ponto de estender-se aos homens, para que estes participem da filiação de Jesus e, no Espírito, invoquem o Pai”<sup>22</sup>.

Tendo esses elementos como premissas, passaremos a compreensão do sofrimento em Deus no evento da cruz de Cristo. Deus, que é Amor, sofre. Não é um Deus apático, mas apaixonado. Esta paixão de Deus é um modo concreto de amar e consiste num sentir com, é “um sofrimento ativo. Ou seja, o amor apaixonado exige que o próprio Deus entre em uma relação recíproca com outros, nos quais ele se dispõe a sofrer a ponto de doar e se dar por inteiro”<sup>23</sup>. É o Deus em quem aquele que sofre pode encontrar correspondência e solidariedade, que no Seu

<sup>17</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 85.

<sup>18</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 110.

<sup>19</sup> 1Cor 15,12.

<sup>20</sup> Cf. MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, pp.24-30 e p.184.

<sup>21</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 88.

<sup>22</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 88.

<sup>23</sup> ALMEIDA, E. F., *O drama pascal na cristologia de J. Moltmann e as representações contemporâneas do sofrimento e da morte*. 2002. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002, fl 190. Disponível em: <<https://goo.gl/YSjiLH>>. Acesso em: 27 de Janeiro de 2016. Citamos ainda outra pesquisa aproximada da compreensão de Deus em J. Moltmann, como o Deus que sofre, apaixonado: F. G. LEITE. *Da apatia à compaixão: Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008*. Disponível em: <<https://goo.gl/J9YpOe>>. Acesso em: 27 de Janeiro de 2016. Nesta pesquisa, o autor analisa a compaixão de Deus em oposição à noção de um Deus apático, e entende que o ser cristão no mundo passa pela experiência da compaixão para com os que sofrem, em contrapartida à apatia que influencia a vida humana.

abandono se torna presente junto aos abandonados, destroçados pelo mal, entregues à morte. É o Deus crucificado. O discurso cristão sobre Deus passa por essa singular experiência de Deus no evento da cruz, iluminado pela ressurreição. Diante do drama da existência humana, “falar de um Deus impassível o converteria em um demônio. Por outro lado, falar de um Deus absoluto, o converteria em um nada destruidor. Falar, aqui, de um Deus indiferente, condenaria os homens à indiferença”<sup>24</sup>. O Deus apaixonado, entregue na Cruz, sofre ele mesmo o absurdo do não-Deus, o abandono, a morte.

Aprofundaremos o sofrimento de Deus na doutrina trinitária de J. Moltmann. Num primeiro momento buscaremos abordar o significado do abandono do Cristo na cruz em chaves trinitárias, onde J. Moltmann aplica a teologia da cruz à doutrina trinitária e vice versa. Nesta compreensão de Deus, procura corrigir o monoteísmo geral no discurso cristão sobre Deus. A cruz está erguida na humanidade, em Deus e entre ambos. Concluiremos este capítulo sobre a compreensão moltmanniana de Deus com o significado da cruz na perspectiva do Ressuscitado. Paixão, morte e ressurreição são o evento revelador da Trindade na história do Filho. Deus se entrega como comunhão, abre Sua relação para dela tomar parte a humanidade e a criação.

### 3.1.

#### **O *pathos* divino no silêncio de Deus na cruz de Cristo**

O sofrimento de Deus e a morte *em* Deus<sup>25</sup>, ou melhor, a pergunta sobre o sofrimento de Deus, ou quem é Deus no sofrimento e morte do Crucificado abandonado e amaldiçoado por Deus só pode ser compreendida em chaves trinitárias. Uma imagem cristã de Deus que o identifica como substância suprema, sujeito absoluto, que fala mais de um monoteísmo que da Trindade, não é capaz de compreender o evento da cruz em Deus mesmo e, assim, esvazia a cruz de seu

<sup>24</sup> ALMEIDA, E. F., *O drama pascal na cristologia de J. Moltmann e as representações contemporâneas do sofrimento e da morte*, fl. 186.

<sup>25</sup> Cf. MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, p. 256.

conteúdo fundamental. Muito menos se mantém de pé diante das contradições que o sofrimento humano, o sofrimento do inocente, impõe à ideia de bondade e amor em Deus.

Na história do cristianismo, a questão do sofrimento de Cristo foi abordada de várias formas, cada qual deixando transparecer uma certa imagem de Deus. O conteúdo central da fé cristã, que é a paixão e morte de Jesus na cruz e Sua ressurreição, foi entendido de modo *inconsequente*, perdendo o seu cerne que é o evento trinitário revelado na Cruz do Filho, restando *insuficiente* no levar a sério o que aconteceu entre o Filho e o Pai no abandono da cruz, quando se insistiu na redução desse evento ao mero sacrifício expiatório.

Na perspectiva teísta, fundamentada na metafísica, Deus é imutável, indivisível, impassível: “Morte, sofrimento e mortalidade devem, por isso, ser excluídas do ser divino”<sup>26</sup>. Deus é compreendido a partir de Sua essência determinada metafisicamente. Pelas provas da existência de Deus se chega ao Deus sumamente bom, belo, justo. E a essência de Deus é a Sua indivisível unidade. Deus é o fundamento de tudo. É o onipotente, diante do qual se colocam o mundo e o homem em sua finitude, impotência, sofrimento e morte. O mal e o sofrimento são carência de ser, algo que não poderia afetar Deus em Sua impassibilidade e perfeição<sup>27</sup>.

O ateísmo se opõe frontalmente ao teísmo como um ateísmo de protesto. Usando a mesma lógica indutiva do teísmo, partindo do ver o mundo e o homem em seus sofrimentos, não chega a um Deus bom, “mas um demônio caprichoso, um destino cego, uma lei amaldiçoadora ou a vanidade aniquiladora”<sup>28</sup>. Protesta contra essa imagem de Deus bom e justo, impassível e, por isso mesmo, incapaz de amar.

Qual seria o discurso do ateísmo de protesto?

Um Deus que não pode sofrer é mais infeliz do que qualquer ser humano. Pois, um Deus incapaz de sofrer é um ser apático. Sofrimento e injustiça não o afetam. Impassível, nada pode ser [sic] afetá-lo ou movê-lo. Ele não pode chorar, pois não tem lágrimas. Quem não sofre tampouco pode amar. Logo, é um ser sem amor. O Deus de Aristóteles não pode amar, ele só pode ser amado por todos os seres não divinos, por causa de sua perfeição e beleza, atraindo-os dessa maneira para si<sup>29</sup>.

<sup>26</sup> MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, p. 265.

<sup>27</sup> MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, p. 314.

<sup>28</sup> MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, p. 273.

<sup>29</sup> MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, p. 276.

Para que serve um Deus que não se importa com o homem, principalmente em seu sofrimento? Serve apenas para empurrá-lo à escuridão da indiferença. Quantos discursos sobre Deus não passam de escárnio contra a realidade da vida de seus ouvintes, um discurso sádico e caduco! Quando compreendemos o Deus revelado na história do Filho como relação, como o Deus vivo, esta noção de impassibilidade perde sentido. Perde sentido também a insistência numa pregação vazia de compaixão, pois “o Deus vivo é o Deus que ama. O Deus que ama comprova sua presença amorosa em seu sofrimento”<sup>30</sup>.

O Deus de Aristóteles não pode amar. Mas o Deus cristão é Amor. “Nesse sentido, sim, ele é passível. Mas sofre em seu amor, que outra coisa não é senão a superabundância do seu ser”<sup>31</sup>. Em Seu amor e por ser amor Deus sofre, mas não do mesmo modo que a Sua criação<sup>32</sup>. A fé cristã não tangencia o sofrimento, pois preserva no núcleo de sua pregação a morte do Filho na cruz. Ao contrário, tanto o teísmo quanto o ateísmo de protesto não levam o mal e o sofrimento a sério, pois se assim o fizessem, esse deus apático, imóvel, impassível às custas do sofrimento do homem seria um ídolo, e o grito de protesto por justiça seria um ato de esperança, e não de resignação e apatia que resta por colocar o homem onipotente no lugar de Deus<sup>33</sup>.

W. Kasper traz uma reflexão nesta mesma linha, indagando-se se é possível Deus sofrer, se é possível um Deus que seja “algo mais do que um Deus que contempla compassivamente o sofrimento”<sup>34</sup>, perguntas que, como ele mesmo observa – e que encontramos correspondência em J. Moltmann –, não são meras especulações, mas uma decisão por um rosto de Deus capaz de sustentar a esperança, pois sofre com o homem para libertá-lo das amarras do mal. De modo ainda mais incisivo afirma:

a *Bíblia* não conhece um Deus que reina apaticamente na glória e na beatitude do seu trono sobre um mundo cheio de horrores. De acordo com o Novo Testamento, aquele que tinha a condição divina assumiu em Jesus Cristo a condição de escravo, humilhando-se (cf. Fl 2,6s.). Deus pode sentir conosco, é igual a nós em tudo exceto

<sup>30</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 52.

<sup>31</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 37. Nota-se aqui a inversão conceitual. Sofrer por amor é superabundância de ser. A impassibilidade como atributo de Deus denota a sua carência de ser, portanto, sua insignificância.

<sup>32</sup> Como também observa W. Kasper, o sofrer de Deus é uma decisão própria, porque ele é Amor, Cf. KASPER, W., *A misericórdia*, p. 153.

<sup>33</sup> Cf. MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, pp. 313-317. Aqui o autor apresenta a Teologia Trinitária da Cruz como superação do dilema teísta e ateu acerca do sofrimento e Deus.

<sup>34</sup> KASPER, W., *A misericórdia*, p. 150.

no pecado (cf. Hb 4, 15). Um Deus na cruz: isso era naquele tempo um escândalo e continua a sê-lo, sem dúvida, nos nossos dias. Uma tal mensagem é loucura aos olhos do mundo, mas constitui a sabedoria de Deus (cf. 1Cor 1,21.23)<sup>35</sup>.

A mais profunda profissão de fé que brota do evento da Cruz de Cristo, e que se possa dedicar a Deus e dela tomar sérias e comprometidas consequências para o existir do fiel é afirmar que Deus é Amor e que quem não ama também não conhece a Deus<sup>36</sup>. O amor de Deus se volta em misericórdia para o homem em seu sofrimento, mas uma misericórdia que se concretiza em solidariedade, em *sofrer com*. Esta afirmação é um escândalo para uma concepção de Deus que pensa a onipotência divina sem o amor, como também se constitui como contradição a qualquer sociedade que não se fundamenta na solidariedade com os que sofrem, com os vulneráveis.

O Deus Amor é Trindade. Para J. Moltmann, no mistério trinitário e em chaves trinitárias compreendemos o alcance da cruz de Cristo para nós e para Deus.

A compreensão de Deus como Trindade, e não como um Sujeito Único na perspectiva de um monoteísmo geral, não é e nem foi tarefa tranquila para a fé cristã. Esta originalidade cristã não é transparente na vida dos fiéis e em muitas teologias e configurações eclesiais. E “é exatamente esse monoteísmo geral na teologia e na fé que está levando o cristianismo a uma crise de identidade”<sup>37</sup>. Nesta mesma linha, B. Forte, ao tratar do exílio da Trindade na experiência religiosa dos cristãos, afirma que estes rezam *a* Deus, mas não rezam *em* Deus; que, embora a profissão de fé aponte para a Trindade, isto em nada interfere na vida prática, na piedade e na moral do fiel e que a doutrina trinitária se transformou mais em um problema de matemática, que uma questão do mistério da salvação<sup>38</sup>.

No esforço de sistematizar a fé no Deus único e trino, os clássicos tratados trinitários *de Deo uno* e *de Deo trino*, seja na teologia católica, seja na teologia protestante, apontavam mais para a supremacia de Deus em si como Uno, conhecido metafisicamente, sobre a Sua Trindade de Pessoas, conhecido pela revelação<sup>39</sup>. Na mesma linha se encontrava a distinção entre Trindade imanente e

<sup>35</sup> KASPER, W., *A misericórdia*, pp. 151-152. Grifo do autor.

<sup>36</sup> Cf. 1Jo 4, 8.

<sup>37</sup> MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, p. 297.

<sup>38</sup> Cf. FORTE, B., *Trindade e história*, pp. 11 et. sequ.

<sup>39</sup> Atualmente a compreensão trinitária de Deus passa não mais pelas afirmações metafísicas do Deus uno para chegar à Trindade, quase que deixando subentendido que há uma quarta hipóstase. Mas

Trindade econômica, presente na teologia dos Capadócijs, “entre o ser interior de Deus e a história da salvação como se fosse o original e a cópia, a ideia e a manifestação”<sup>40</sup>.

Não foi diferente com a cristologia.

A doutrina das Duas naturezas em Cristo levou a uma distinção entre aquele que é passível de sofrimento, Sua humanidade, daquele que não sofre, Sua divindade: “a cristologia tradicional aproximou-se bastante do docetismo, de acordo com o qual Jesus não teria realmente sofrido, mas apenas aparentemente, e não teria sido realmente abandonado por Deus e morrido”<sup>41</sup>. Evidente que se trata de uma aproximação, pois os concílios cristológicos, mesmo tendo presente as barreiras intelectuais do conceito metafísico de Deus, não afirmavam a absoluta impassibilidade ou imutabilidade de Deus, mas apenas aquelas circunscritas nos argumentos heréticos contra os quais se posicionaram. “A negação justificável de uma capacidade de sofrimento de Deus causada por uma carência em seu ser, não pode levar a uma negação de sua capacidade de sofrer a partir da plenitude do seu ser, *i.e.*, do seu amor”<sup>42</sup>.

Estas distinções apresentadas, entre Deus e Deus e nas duas naturezas de Cristo, não dão conta do significado salvífico que brota do evento pascal. O testemunho neotestamentário não deixa sombras de dúvidas de que a morte de Cristo na cruz é uma morte em Deus. Neste sentido, tendo como base a teologia da cruz de Lutero, que é uma contraposição à teologia da glória vigente em seu tempo, mas indo além dela, J. Moltmann retoma o evento pascal de Jesus Cristo para, a partir dele, compreender a Trindade.

Na história do Filho encontramos o cerne da solidariedade de Deus com o Seu outro não-igual. Pelo envio do Filho, os homens são adotados como filhos e, mediante o Espírito Santo, chamam Deus de Pai. Este envio abre as relações recíprocas do Pai e do Filho para a humanidade, que é chamada a tomar parte de

---

tem seu ponto de partida na história do Filho, onde esta divisão não se sustenta. Sobre este tema, ler: LADARIA, L. F., *O Deus vivo e verdadeiro*, pp. 33-34.

<sup>40</sup> MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, p. 301. Na sequência, J. Moltmann apresenta a contribuição de K. Rahner ao avançar na perspectiva da inadequação desta distinção, ao formular seu axioma fundamental.

<sup>41</sup> MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, p. 285.

<sup>42</sup> MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, p. 289. Nas páginas seguintes, J. Moltmann apresenta a evolução do entendimento das duas naturezas na pessoa de Jesus Cristo, na teologia protestante, que procurou superar a barreira intelectual de que Deus não pode sofrer, bem como os limites, em Lutero, da oscilação da não distinção das Pessoas trinitárias no evento da cruz, que o fazia cair em paradoxos como Deus abandonou Deus.

modo recíproco nesta relação. O testemunho neotestamentário aponta o cumprimento das promessas de Deus feitas a Israel no instante em que Cristo é o Filho, pois “é submetido à lei, para salvar os que vivem sob a lei: os judeus. Redime-os no seio da sua própria existência e relacionamento divino: na filiação”<sup>43</sup>. Este cumprimento, no entanto, tem uma dimensão universal, por estar aberto a toda humanidade e nela, a toda a criação.

Na entrega do Filho encontramos o sofrimento de Deus pelo mundo e com o mundo. Segundo J. Moltmann, existem dois aspectos da paixão de Jesus: um exterior e um interior:

No aspecto exterior situa-se a rejeição de Jesus por parte das classes dirigentes do seu povo, como blasfemo, e sua execução pelos romanos, como perturbador da ordem mundial romana. No seu aspecto interior, encontra-se o abandono por parte de Deus, que ele havia chamado “*Abba*, meu Pai”, e cujo reino paterno anunciara aos pobres. Nos padecimentos de Jesus, determinados pelo seu Deus e Pai, reside o caráter especial dessa paixão sobre o Calvário, no confronto com a história dos sofrimentos de tantos inocentes e justos. A história da paixão que ocorreu entre o Pai e o Filho é atestada pelos eventos do Getsêmani e do Gólgota<sup>44</sup>.

O aspecto exterior revela a paixão e solidariedade de Jesus com os últimos de Seu tempo. As acusações que sofreu e pelas quais foi condenado à morte de Cruz foram motivadas pelas Suas palavras e ações que visavam testemunhar com autoridade um rosto de Deus diferente daquele que era anunciado pelos fariseus e mestres da lei.

Jesus afirmava ser aquele que cumpre perfeitamente a lei e os profetas ao ceiar com pecadores públicos, ao tocar e curar os enfermos, os leprosos, os aleijados – também no *Shabbat* –, ao admitir no discipulado mulheres, pessoas de má fama e rejeitados pela sociedade, ao chamar a Deus de Pai, o Pai dos rejeitados, o misericordioso com os pecadores e que convida Seu povo de outrora a entrar na dinâmica desse Seu reinado, não mais entendido como o reino de Senhor e servos, mas de filhos livres. É o que afirma G. Ancona:

As curas, os exorcismos, o perdão concedido aos pecadores, a proximidade com os últimos são a evidente razão da realeza salvífica de Deus que se torna presente e que não encontra um acolhimento tranquilo e benévolo nos interlocutores de Jesus<sup>45</sup>.

<sup>43</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 85.

<sup>44</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, pp. 88-89. Grifo do autor.

<sup>45</sup> ANCONA, G., *Escatologia cristã*, p. 242.

A religião da pureza ritual de ontem e de hoje não poderia nunca admitir tal compreensão de Deus e jamais ousaria uma relação filial com o mesmo Deus, até então temido como o vingador, cheio de ira e avesso aos pecadores. Esta proximidade de Deus e de Sua salvação nos gestos e opções de Jesus, conforme citado, encontrou estranheza entre os religiosos de Seu tempo. A mesma postura de Jesus verificada em muitos cristãos e em alguns líderes religiosos não é bem vista por muitos “fiéis” de nosso tempo. Como exemplo, ganhou enorme estranheza e um análogo movimento de deposição papal o olhar pastoral do Papa Francisco, desde a *Amoris Laetitia*, para os divorciados que se casaram novamente, com o seu pedido aos pastores para que estes casais sejam integrados na vida e na comunhão da comunidade<sup>46</sup>.

Já o aspecto interior da paixão de Jesus revela a dor pelo abandono desse Deus que Jesus chamou de Pai, o Pai dos rejeitados e abandonados deste mundo. O Filho experimentou a rejeição do Pai, o Seu abandono. Este Jesus, o Filho, que apaixonadamente anunciou o Reino vindouro do Pai como próximo, sofre a paixão de Sua ausência. No Getsêmani, Jesus suplica ao Pai para que o liberte do abandono, mas o Pai não o atende. “A angústia que o acometeu e rasga a sua alma é a dor por causa de Deus. O abandono de Deus é o ‘cálice’ que dele não passa. O silêncio terrível do Pai em face da súplica do Filho no Getsêmani é bem mais do que um silêncio mortal”<sup>47</sup>. No Calvário, Deus é chamado de Deus, tamanha distância e abandono experimentados pelo Filho.

O que se quer indicar é que a dimensão dessa dor e angústia é delimitada e aprofundada pela revelação que o Filho faz do Pai em Sua própria história. Em J. Moltmann, esse evento tem fortes implicações na Trindade. Não se trata apenas de um aspecto exterior, mas revela o interior das relações trinitárias afetadas pelo abandono do Filho pelo Pai. Em suas palavras:

Neste abandono, o Filho sofre a dor da morte. O Pai sofre a morte do Filho. Por isso, à morte do Filho corresponde o sofrimento do Pai. E quando o Filho, nessa descida ao inferno, perde o Pai, então, nesse ato também o Pai perde o Filho. Aqui está em jogo o mais íntimo da vida da Trindade. Aqui o amor comunicativo do Pai converte-se em dor infinita pelo sacrifício do Filho. Aqui o amor correspondente do Filho

<sup>46</sup> Fazemos referência às oposições abertas de quatro cardeais da Igreja Católica contra o Papa Francisco em relação a pontos específicos da *Amoris Laetitia* que, segundo estes mesmos, seriam contrários à tradição e doutrina da Igreja no tocante ao Matrimônio e à comunhão eucarística. Cf. PENTIN, E., *Entrevista com Cardeal Raymond Burke*. Disponível em: <<https://goo.gl/cD6utD>>. Último acesso em 10 de janeiro de 2017.

<sup>47</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 89.

converte-se em dor infinita pela rejeição e repúdio do Pai. O que acontece sobre o Calvário atinge profundamente a divindade e marca eternamente a vida trinitária<sup>48</sup>.

O Filho sofre o abandono por parte Pai, no sentido de que neste Seu abandono todos os homens são alcançados. Ele se torna irmão dos abandonados e dos rejeitados por Deus, por causa do mal. O sofrimento do Pai é a morte do Filho, que ele entregou para ser o Pai de todos os homens, para resgatá-los de seu abandono e de sua rejeição. Nas palavras de J. Moltmann, “o Pai abandona o Filho ‘por nós’, i. é, para tornar-se Deus e Pai dos abandonados”<sup>49</sup>. É uma entrega ativa de ambos os lados, que alcança até mesmo os que estão entregues à escuridão da morte e revela o mistério trinitário do amor. Dito de um outro modo, “na cruz, entregando o Filho, o Pai se entrega também e sofre a mortal vulnerabilidade de sua paternidade, que é a sua identidade mais profunda”<sup>50</sup>.

Esta dor de abandono do Filho que é para nós salvação que nos alcança, para J. Ratzinger, não se mede pelo multiplicar de torturas e sofrimentos físicos, mas trata-se da “amplitude do amor que estende a existência a tal ponto que o longínquo e o próximo se unem, que o ser humano que está longe de Deus entra em contato com ele”<sup>51</sup>. Segundo L. F. Ladaria, na cruz de Cristo o Pai é dado a conhecer pelo Filho, que por sua vez foi enviado e entregue pelo Pai no Espírito, para estender à humanidade e à criação Suas relações de amor:

No mistério pascal acontece sem dúvida o momento fundamental da revelação do mistério de Deus amor, da paternidade e da filiação divina no Espírito Santo. Na morte de Jesus manifestou-se o amor que ele nos tem, mas também o amor do Pai por nós pecadores (Cf. Rm 5,6-10; 8,32.35)<sup>52</sup>.

<sup>48</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 94. Outra versão desta afirmação encontra-se em MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, pp. 305-306. Aqui, nosso autor afasta qualquer *patripacionismo* e corrige o demasiado monoteísmo na compreensão da Trindade na cruz de Cristo.

<sup>49</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 93.

<sup>50</sup> BINGEMER, M. C.; FELLER, V., *Deus trindade*, p. 85.

<sup>51</sup> RATZINGER, J., *Introdução ao cristianismo*, p. 215.

<sup>52</sup> LADARIA, L. F., *O Deus vivo e verdadeiro*, p. 83. Apesar de acolher como positiva a compreensão moltmanniana de que “a profundidade da vida trinitária manifesta-se na cruz de Cristo”, p. 89, Ladaria critica essa oposição entre Deus e Deus mesmo, questionando se há neste entendimento “suficiente justificação à luz do Novo Testamento, que ao mesmo tempo que nos conta, e não dissimula, a angústia e a escuridão que Jesus experimenta também nos fala de sua obediência à vontade do Pai e sua entrega confiante a ele”, p. 89. Porém, J. Moltmann faz esse aceno, negado por L. F. Ladaria, quando reflete que o Filho entregue “não é apenas objeto, mas também sujeito” no ato da entrega na cruz. Assim ele afirma: “Na cruz, o Pai e o Filho estão a tal ponto separados que as suas relações ficam interrompidas. Jesus morreu ‘sem Deus’. Mas ao mesmo tempo, na cruz, o Pai e o Filho estão tão unidos que constituem um gesto único da entrega: ‘Quem vê o Filho, vê o Pai’”. Em: MOLTSMANN, J., *Trindade e reino de Deus*, p. 94.

Qual seria a teologia dessa entrega do Filho pelo Pai, na lógica do abandono do Filho pelo Pai? J. Moltmann, analisando a imagem do cordeiro imolado em Apocalipse 5,12, afirma que “A cruz está colocada no meio da Trindade [...]. Antes que existisse o mundo, existia em Deus a imolação”<sup>53</sup>.

É revelador que a cruz seja o critério para desfazer qualquer distinção em Deus, uma vez que “Deus é como se *mostra*; Deus não se mostra de uma maneira diferente daquela que ele é”<sup>54</sup>. Inserida na Trindade, a Cruz é o marco de Sua abertura ao mundo e do mundo à Trindade. Há, portanto, um movimento da soteriologia para a Trindade. Mas esse movimento tem origem e fundamento no interior das vivas relações recíprocas e abertas trinitárias. Ao mesmo tempo inaugura a nova humanidade na proximidade da humanidade de Deus. O grito do Abandonado é proximidade solidária do Filho e, por meio dele, do Pai com os abandonados, uma vez que “Jesus atravessou a porta de nossa solidão quando, na sua Paixão, afundou no abismo de nossa sensação de abandono. Onde já não se faz ouvir nenhuma voz, lá está ele”<sup>55</sup>.

Mas em que consiste esta imolação em Deus que J. Moltmann afirma existir desde toda a eternidade? Este entendimento perpassa a imagem de Deus subjacente à teologia da criação e da Encarnação, lidas em chaves trinitárias. Vejamos a seguir.

Em primeiro lugar, manifesta que a criação é obra do Seu amor, e que o homem criado livre é vocacionado a essa relação de amor. Não se trata de absoluto poder, onde Deus cria e a criação nada lhe diz respeito; nem cabe entender a criação como ato de coação em Deus, cuja essência seria a Sua autocomunicação. É ato livre de amor. Assim reflete J. Moltmann:

Desde toda a eternidade, Deus não desejou apenas a si mesmo, mas também o mundo, pois não desejou apenas comunicar-se consigo mesmo, mas também com o seu outro. Por isso é que, no amor do Pai para com o Filho, já está contida a ideia do mundo de Deus. O Filho eterno de Deus está em íntima relação com a ideia do mundo de Deus. O *Logos*, pelo qual o Pai criou todas as coisas, e sem o qual nada do que existe foi criado, é apenas o *outro aspecto do Filho*. O Filho é *Logos* na perspectiva do mundo. O *Logos* é *Filho* na perspectiva do Pai. O Pai pronuncia a palavra eterna no Espírito, e sopra o Espírito na palavra do Verbo eterno. Por meio do eterno

<sup>53</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 95. Numa formulação precedente a acima citada, encontramos o seguinte: “No evento da cruz são reveladas as relações de Jesus, o Filho, para com o Pai e vice versa. Do evento da cruz e do seu efeito libertador nos é revelado a saída do Espírito, a partir do Pai. A cruz está no meio do ser trinitário de Deus, separa e vincula as pessoas em suas relações umas com as outras e as mostra concretamente”. Em: MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, pp. 255-256.

<sup>54</sup> RATZINGER, J., *Introdução ao cristianismo*, p. 123. Grifo do autor.

<sup>55</sup> RATZINGER, J., *Introdução ao cristianismo*, p. 222.

*Logos*/Filho, Deus cria o mundo. Ele é o intermediador da criação. Deus reserva o mundo para a encarnação dele. Ele é o libertador da criação. Pelo seu reinado de liberdade, Deus ama suas criaturas. Ele é o coroamento da criação<sup>56</sup>.

Segundo o entendimento citado acima, o ato de criar não se trata apenas de um movimento para fora da Trindade, mas para dentro da mesma, pois o Filho também é o *Logos*. Acolhendo a tradição judaico-cabalística da ideia da *criação para fora* e da *criação para dentro*, J. Moltmann aponta para o dado da criação interno à Trindade, onde num movimento de *retração* cria o mundo como ação em si e para fora de si, numa analogia aos processos de gestação e parto femininos<sup>57</sup>. Neste mundo, Deus cria o homem livre para a liberdade, no amor do Pai pelo Filho que se abre ao mundo criado, convidando este homem a comungar nesse amor. Só assim o mundo criado é o mundo de Deus, e o será na consumação do tempo.

Em segundo lugar, com essa afirmação se deixa de lado uma “causa” para a Encarnação do Filho, como o pecado do homem e a necessidade de restaurar a criação desfigurada<sup>58</sup>.

Para a realização e coroamento desta comunhão, o Filho se faz homem e torna os homens Seus irmãos. Por ação do Espírito Santo, o *Abbá* do Filho se torna *Abbá* dos irmãos do Filho. No Filho os homens são filhos do Pai: “A fraternidade de Cristo está sempre vinculada à sua filiação, da mesma forma como a sua filiação está sempre vinculada à sua fraternidade”<sup>59</sup>. Não foi por causa do pecado do homem, que o Filho foi enviado e entregue pelo Pai, porque “o amor não pode concentrar-se apenas em apagar os pecados<sup>60</sup>”. A encarnação do Filho é o coroamento da *kênosis* divina iniciada na criação, realizada e completada no sofrimento de abandono e morte de Jesus, o Filho<sup>61</sup>. A encarnação “foi algo que precedeu à intenção de criar o mundo”<sup>62</sup>. Nela se manifesta a humanidade de Deus que destrói a desumanização do homem, na linha da teologia da cruz de Lutero.

<sup>56</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 119. Grifo do autor.

<sup>57</sup> Cf. MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, pp. 119-122. Vale ressaltar que não se trata aqui de uma correspondência à Geração do Filho. A criação é o outro de Deus, o homem é a “liberdade da imagem e semelhança não divina”.

<sup>58</sup> Cf. MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, pp. 124-132. Aqui o nosso autor descreve a encarnação em chaves trinitárias, superando a perspectiva funcional expiatória, com ênfase no passado, para avançar na perspectiva de cumprimento da promessa da criação, sendo o coroamento da mesma e o coroamento da *kenosis* de Deus, com ênfase no futuro de Deus.

<sup>59</sup> Cf. MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 130.

<sup>60</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 126.

<sup>61</sup> Cf. MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 129.

<sup>62</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 127.

Como se pode notar, há uma precedência da encarnação sobre a criação. Neste sentido, estamos diante da mais profunda comunicação do amor de Deus, na gratuidade que supera toda necessidade.

Ainda que a Encarnação não seja de caráter funcional para a morte vicária na cruz, a situação de miséria do homem por causa do pecado é acolhida no Filho. O abandono do Filho pelo Pai guarda, também, esta dimensão: “Deus não assume apenas a finitude humana, mas também a condição do seu pecado e do seu abandono por Deus. Ele não apenas ingressa nessa situação, mas assume-a e faz dela uma parte do seu próprio e eterno amor”<sup>63</sup>.

Aqui temos a entrega do Filho pelo Pai ao abandono, à maldição, à rejeição, ao juízo dos condenados, para ele, o Pai, “tornar-se Deus e Pai dos abandonados”<sup>64</sup>. E o Filho, irmão desses abandonados. No Filho, o Pai encontra a correspondência amorosa e livre do homem. O Filho feito homem é o cumprimento da promessa de Deus na criação – imagem e semelhança de Deus –, mas é também a correspondência no tempo ao eterno amor de Deus.

Este *pathos* divino, entendido trinitariamente, tem uma tensão para o futuro. Sendo revelação de Deus como comunidade de amor que acolhe e redime o sofrimento do homem e o torna participante do Seu sofrimento pelo mundo, Seu mundo, esta redenção aponta para uma consumação:

A comunhão com Deus que é amor, envolve estes dois aspectos: ele nos leva ao âmago da dor divina e da sua infinita aflição, mas somente se consumará na festa da eterna alegria de Deus e na dança dos libertos da aflição. Pois o verdadeiro amor tudo sofre, tudo suporta e tudo espera, para proporcionar a felicidade, e nisso encontrar a própria felicidade<sup>65</sup>.

Deus “encontra sua alegria em dar às suas criaturas a participação em sua vida e introduzir-se ele *mesmo* na relação com a criatura”<sup>66</sup>. Este é o fundamento da criação, desde as relações paterna e filial de Deus como transbordamento do amor,

<sup>63</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 129. G. Grashake desenvolve esta implicação do pecado do homem na Trindade. Segundo este autor, Deus se decide ser “Deus dos homens”, não de modo acidental, mas essencial. Esta afirmação tem seu contexto na teologia da encarnação do Filho, na mesma linha de reflexão apresentada por J. Moltmann, que entende a Encarnação como evento anterior à criação, como fundamento e causa da mesma. Mesmo diante da recusa do homem tomar parte da *communio* da Trindade, Deus diz sim a esse homem e a esse mundo marcado pelo pecado, pois se trata de uma decisão irrevogável de Sua parte: Deus criou para encarnar-se, para transbordar Sua comunhão no amor. Em: GRESHAKE, G., *El Dios uno y trino*, pp. 397-401.

<sup>64</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 93.

<sup>65</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 56.

<sup>66</sup> GRESHAKE, G., *El Dios uno y trino*, p. 398. Grifo do autor.

no Espírito. Ao mesmo tempo, é uma condição de futuro de Deus. Este futuro foi inaugurado na ressurreição de Jesus por obra do Espírito Santo. E é a Sua ressurreição que completa a revelação da Trindade, como entrega do Filho pelo Pai, onde o Filho é igualmente ativo nesta entrega. É a reflexão que se segue.

### 3.2. A Cruz na perspectiva do ressuscitado

A experiência da ressurreição de Jesus Cristo retroage à Sua cruz, dando-lhe sentido de plena revelação do amor de Deus. É a ressurreição que traz luz para compreendermos a morte de Jesus *para nós*. Ela nos proporciona compreender a revelação/entrega de Deus a partir do Seu futuro a toda a criação pelo envio do Espírito Santo, como Dom. É também a condição para entendermos o que significa a cruz para a Trindade, como refletimos acima. Sem a experiência da ressurreição a cruz perde seu sentido salvífico, pois “enquanto tal, a cruz é somente sinal do perecível, do fracasso e da definitiva eliminação; mais ainda: segundo Dt 21,23, a cruz é prova da maldição divina”<sup>67</sup>. M. C. Bingemer e V. G. Feller entendem que:

na ressurreição, Deus se revela e se oferece como o Pai do Filho encarnado, morto, ressuscitado e que virá. Oferta-se como o Pai de misericórdia que diz *sim* ao Filho crucificado e, nele, diz *sim* definitivamente libertador a todos os escravos do pecado e da morte<sup>68</sup>.

A ressurreição é o *sim* de Deus ofertado na entrega do Filho pelo Pai na cruz. A partir da ressurreição, o evento da cruz de Jesus Cristo é a radical abertura da relação de amor da Trindade ao mundo. A cruz à luz da ressurreição, como evento entre o Pai e o Filho no Espírito Santo, corrige o monoteísmo geral na fé e práxis cristã, pois revela o íntimo da Trindade em Seu agir no mundo e esse agir no mundo no íntimo da Trindade. Esta é a chave de compreensão de Deus que a morte do

<sup>67</sup> GRESHAKE, G., *El Dios uno y trino*, p. 425.

<sup>68</sup> BINGEMER, M. C.; FELLER, V., *Deus Trindade*, p. 90. Grifo dos autores.

Filho na cruz revela, segundo o desenvolvimento da teologia da cruz de J. Moltmann<sup>69</sup>.

Esta abertura da Trindade para o mundo e do mundo para a Trindade, que a cruz de Cristo realiza, manifesta a profunda solidariedade da Trindade, que é comunhão de amor, com a Sua criação na entrega do Filho pelo Pai e do Filho ao Pai, de onde o Espírito Santo vivificador procede como Dom para toda a criação, para toda a humanidade. Nas palavras de J. Moltmann:

Ele [Deus] é amor, ou seja, ele existe em amor. Ele constitui sua existência no evento do seu amor. Ele existe como amor no evento da cruz. [...] O que procede desse evento entre o Pai e o Filho é o Espírito Santo que justifica o ímpio, enche o desamparado de amor e até ressuscita os mortos, já que, até mesmo o fato de estarem mortos não os exclui desse evento da cruz; a morte em Deus também os inclui<sup>70</sup>.

O evento da cruz foi, sem dúvida, a manifestação profunda do amor de Deus, que assume para si mesmo as últimas consequências do drama da existência humana. Mas a ressurreição é também a manifestação desse amor. J. Ratzinger aponta para esse dado ao falar que o amor é imortalidade e que a imortalidade provém do amor: “o amor requer eternidade, mas está inserido no mundo da morte com a sua solidão e seu poder destrutivo. É partindo desse contexto que se pode entender o que significa ‘ressurreição’. Ela é a força maior do amor diante da morte”<sup>71</sup>. Esta compreensão de Deus no evento da cruz tem seu ponto de partida na experiência da ressurreição de Jesus, que marcou decisivamente a fé da comunidade cristã primitiva. É aqui que se dá a compreensão do que aconteceu entre o Filho e o Pai no abandono da cruz.

É na experiência da ressurreição que a comunidade levanta a questão sobre quem foi aquele crucificado, pois ela revela plenamente o sentido soteriológico-escolológico da cruz de Jesus: “Sem o evento da ressurreição a obra histórica de Jesus, que tem seu vértice dramático na morte de cruz, teria um sentido muito

<sup>69</sup> MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, pp. 93-107. A cruz é crítica tanto de Deus quanto do homem, é uma chave crítica para a teologia.

<sup>70</sup> Cf. MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, p. 307. Grifo do autor.

<sup>71</sup> RATZINGER, J., *Introdução ao cristianismo*, p. 223. Esta belíssima afirmação tem seu contexto na reflexão de J. Ratzinger sobre a finitude do homem, que, não obstante, ama. Amar é tensão para infinitude. Porém, o homem não pode dar a si mesmo essa imortalidade que é própria do amor. Sendo a entrega do Filho na Cruz a plena manifestação do amor, nada mais conclusivo entender a ressurreição como esse amor, imortal, que vence a morte, que entra no mundo como dom para o homem. cf.: pp. 222-228.

relativo [...]”<sup>72</sup>. Em outras palavras, a cruz seria superada e os relatos da paixão de Cristo, morto no abandono pelo Pai, não seria conservado na vivência da fé, pois “na ressurreição de Jesus, Deus-Trindade diz a palavra última e definitiva sobre o sofrimento e a morte das vítimas de todos os tempos e povos”<sup>73</sup>. Ainda mais incisiva se apresenta a reflexão de J. M. Castillo, partindo da compreensão neotestamentária que identifica o Ressuscitado no Crucificado:

Quando os primeiros cristãos afirmavam: “Deus o ressuscitou” (At 2,24-32; 3,15-26; 4,10; 5,30; 10,40; 13,30.34.37), isso equivale a dizer que Deus se havia posto ao lado de Jesus, que estava a favor dele e lhe dava razão, aprovando assim sua vida e sua conduta. Isso significa aprovar uma forma de vida<sup>74</sup>.

Esta consideração traz um sentido particular para a fé cristã. Sendo a vida de Jesus confirmada por Deus que o ressuscitou, então a cruz é confirmação desse amor que se volta, aberto, ao homem e a toda criação. Os gestos de acolhida, as opções de Jesus, Seu sofrimento de abandono e morte de cruz são ratificados por Deus no *sim* da ressurreição e tornam essa vida que culmina no sofrimento um acontecimento para nós. “A obra de Deus Pai, que ressuscita o Filho, no poder do Espírito, torna definitivo tudo o que Jesus de Nazaré realizou de modo completo até a cruz”<sup>75</sup>. A teologia do Deus crucificado tem o seu sentido de ser sob a luz do ressuscitado e, inversamente, o Ressuscitado encontra na cruz a Sua plena manifestação do amor de Deus, na doação da vida por todos. A morte de Jesus é vicária, é para nós. A ressurreição é “expressão da vitória de Deus contra todos os poderes da injustiça e sobretudo contra o ‘último inimigo’, a morte; no entanto, para o cristão, isso ainda pertence ao futuro”<sup>76</sup>.

J. Moltmann descreve todo um caminho de reflexão que a comunidade cristã primitiva trilhou para a compreensão de Deus no evento pascal.<sup>77</sup> Um primeiro dado que desponta é a particularidade dos relatos das aparições do ressuscitado. Tal particularidade é sinalizada pelo contraste entre a publicidade da morte de cruz de Cristo e a privacidade de Sua aparição a algumas mulheres e aos discípulos. Nesta particularidade reside, segundo J. Moltmann, o caráter escatológico da ressurreição

<sup>72</sup> ANCONA G., *Escatologia cristã*, p. 244.

<sup>73</sup> BINGEMER, M. C.; FELLER, V., *Deus trindade*, p. 92.

<sup>74</sup> CASTILLO, J. M., *Jesus: a humanização de Deus*, p. 512.

<sup>75</sup> ANCONA, G., *Escatologia cristã*, p. 244.

<sup>76</sup> SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 435.

<sup>77</sup> Esta temática também foi abordada em: SCHILLEBEECKX, *Jesus, a história de um vivente*, pp. 433-438.

de Cristo, como inauguração da plenificação do mundo, como cumprimento da promessa de que os mortos ressuscitariam no fim dos tempos, pois “nessa única pessoa, antecipando-se a todas as demais, já começou o processo de ressurreição dos mortos dos tempos últimos”<sup>78</sup>. Este tempo escatológico está inaugurado pela ressurreição de Jesus Cristo, como primícias dos que morreram. Segundo G. Ancona, a história humana “não está mais à espera de um poderoso salvador, mas está apenas voltada para a recapitulação universal de todas as coisas do céu e da terra (cf. Ef 1, 10)”<sup>79</sup>. Na mesma linha afirma J. M. Castillo:

*a ressurreição não foi para Jesus um passo mediante o qual recuperou a condição perdida. A ressurreição não foi o retorno à glória que [o Filho] tinha junto ao Pai antes de descer a este mundo. A ressurreição foi o começo de uma situação nova, radicalmente nova que, precisamente por ser novidade, nos explica sua verdadeira significação*<sup>80</sup>.

Morte e ressurreição de Jesus inauguram o Novo de Deus para este mundo. Trataria de um voltar à vida apenas, e não de ressurreição, se Aquele que foi crucificado apenas retomasse o que havia perdido. A ressurreição é o irromper do futuro de Deus na glorificação de toda a criação pela ação do Espírito Santo. Como já apontamos no Segundo Capítulo de nossa pesquisa, Deus revela-se a partir do Seu futuro. Encarnação e criação são eventos a partir do futuro de Deus. O significado da ressurreição é esta novidade, é esse futuro mesmo, inaugurado, não um futuro tão distante que não pode ser alcançado. É um futuro prometido que se pode viver em esperança.

Este viver o futuro de Deus em esperança encontra sua mais profunda significação quando se considera a cruz e a ressurreição como uma mesma realidade. Nas palavras de G. Greshake:

Por toda a eternidade, o Ressuscitado é o Crucificado. Por essa razão, na ressurreição não se cala o grito do crucificado, nem pode cair no esquecimento que o Crucificado abraça solidariamente todo o sofrimento do mundo e que, portanto, não terá alcançado sua plenitude enquanto perdurarem no mundo o sofrimento, o poder da morte e a obscuridade da distância de Deus, e enquanto tudo isto não tenha sido recolhido em sua ressurreição<sup>81</sup>.

<sup>78</sup> MOLTMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 98. Nas páginas seguintes, trata da revelação da Trindade na ressurreição de Cristo.

<sup>79</sup> ANCONA, G., *Escatologia Cristã*, p. 246.

<sup>80</sup> CASTILLO, J. M., *Jesus: a humanização de Deus*, p. 501. Grifo do autor.

<sup>81</sup> GRESHAKE, G., *El Dios uno y trino*, p. 427.

As aparições de Jesus foram narradas primeiro com o não reconhecimento por parte dos discípulos, depois com o mostrar as marcas da morte de cruz por parte do Ressuscitado. Isso indica que não foi qualquer homem ressuscitado, mas o Crucificado, aquele que revelou o amor de Deus nas íntimas e abertas relações trinitárias na cruz. As marcas da paixão indicam que o futuro de Deus é para este mundo, e que este futuro vindouro se identifica com a exaltação e glorificação do Filho, que vem. E é para ele, para este futuro, que caminhamos em esperança.

Um segundo dado aponta para o início do Reino do Filho, como missão do Ressuscitado. Em Sua história, Cristo, o Filho, manifestou o reino do Pai como o reino da misericórdia, no amor que se volta para os abandonados e desfigurados de humanidade. Ele “anunciava o reino vindouro como reino da graça e da misericórdia de Deus, que há de vir. Apresenta-o não como uma incriminação dos pecadores, mas como perdão dos pecados”<sup>82</sup>. Jesus anunciava a alegria do reino do Pai que foi inaugurado com o Seu envio e plenificado com Sua morte na cruz, sendo abandonado pelos abandonados. Com a ressurreição de Jesus, o Pai entrega o Seu reino ao Seu Filho, e o Filho é Senhor. Mas Seu senhorio não torna os homens serviçais. É o Reino do Irmão com e pelos irmãos; e esse Reino será entregue ao Pai quando a plenificação na Graça da criação for completada, já em ação pelo envio do Espírito Santo que comunica a nova vida inaugurada na ressurreição de Cristo<sup>83</sup>.

Este Reino de liberdade e libertador impõe uma perspectiva nova para a missão da Igreja. Nas palavras de J. M. Castillo, indica um agir como contradição às estruturas do mal presentes no mundo e como construção desta nova realidade inaugurada pela ressurreição:

Pregar a ressurreição olhando apenas para o céu não é pregar a ressurreição. Somente quando se situa a ressurreição de Jesus no contexto histórico em que se afirma essa fé, somente então é que se afirma a fé no ressuscitado, que continua sendo o Crucificado, vivo nas vítimas daqueles que assassinaram Jesus<sup>84</sup>.

O contexto da fé na ressurreição é a cruz. Esta cruz foi consequência direta das opções, palavras e ações de Jesus e estas são entendidas como revelação do Amor que Deus é desde toda a eternidade. Para a comunidade primitiva, a fé na

<sup>82</sup> MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, p. 82.

<sup>83</sup> Cf. MOLTSMANN, J., *Trindade e Reino de Deus*, pp. 103-106.

<sup>84</sup> CASTILLO, J. M., *Jesus: a humanização de Deus*, p. 514.

ressurreição era uma experiência que lhes trazia o perigo da perseguição e da morte. Prova disso são os relatos no Novo Testamento acerca dos martírios e da dispersão da Igreja. Mas essa fé na ressurreição implicava, e por isso mesmo era causa de perseguição e morte, em um novo modo de vida, que continha a luta pela transformação das condições sociais. Ainda hoje, essa participação no reinado de Cristo, quando situado no contexto dos sofredores e excluídos, traz seus riscos. A profissão de fé é fundamentalmente performativa.

Ainda um terceiro aspecto precisa ser acrescentado na compreensão do significado da cruz do Ressuscitado: “a ressurreição dentre os mortos qualifica a pessoa do Crucificado e, com isso, o significado salvífico de sua cruz para nós, os ‘mortos’”<sup>85</sup>. A morte de Cristo na cruz foi um evento para nós. Sua vida, paixão, morte e ressurreição são o evento primordial da solidariedade de Deus que é Amor. Mais que um motivo de reparação da culpa, a morte do Filho é o chamamento de toda a criação para a união com o Pai, na plenitude do Espírito, como revelados na história do envio e da entrega do Filho. É o que afirma J. Moltmann:

Cristo não morreu como aquele sacrifício de expiação que restabelece a lei ou restaura a criação original antes da queda do homem. Ele morreu ‘por nós’ para dar a nós, ‘mortos’, parte da sua nova vida da ressurreição e no seu futuro da vida eterna. [...] A sua ‘ressurreição’ não é uma dimensão da morte na cruz, mas, ao contrário, sua entrega na cruz para a reconciliação do mundo é a dimensão de sua ressurreição escatológica na glória do Reino vindouro<sup>86</sup>.

Qual é o limite da redução do evento da cruz de Cristo à função expiatória? É que, nesta perspectiva, o que se leva em conta é o passado; “no sentido histórico ele é um *restitutio in integrum*, mas não é o começo de uma nova vida”<sup>87</sup>. O fato de Ele ter morrido *por nós* não impõe a compreensão desse *por nós* como sacrifício expiatório. Seguir nesta linha significa contradizer a própria morte de Cristo, que no Seu desenrolar histórico podemos identificar como uma maldição da lei. Fica de fora a inteira gratuidade de Deus que é Amor, e desfigura o rosto de Deus que abre aos homens Sua eterna relação de amor e que envia Seu Filho para que o Seu eterno amor seja correspondido, em liberdade, no tempo. Este é o futuro da nova vida comunicado pela ressurreição, pois Deus “se doa a si mesmo à criatura [...], se

<sup>85</sup> MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, p. 228.

<sup>86</sup> MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, p. 233.

<sup>87</sup> MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, p. 239.

comunica a si mesmo ao homem e lhe possibilita não apenas um futuro criado e finito”<sup>88</sup>. Nas palavras de J. Moltmann:

O Cristo ressuscitado traz por meio de seu sofrimento e morte, justiça e vida para os injustos e os que morrem. A cruz de Cristo, portanto, modifica a sua ressurreição sob as condições da história do sofrimento do mundo, a transformando de um puro evento futuro em um evento do amor libertador. Por meio de seu sofrimento vicário e de sua morte, o Ressuscitado traz o domínio vindouro de Deus para o presente da impiedade<sup>89</sup>.

Esta nova vida, este novo no Novo vindouro nos é dado como justiça. A ressurreição do Crucificado nos mostra o rosto vivo e amoroso de Deus. Na história do Cristo crucificado ressuscitado compreendemos o rosto de Deus que suscita a esperança, ao mesmo tempo em que os faz mover em esperança como gesto de contradição em relação às forças de desumanização.

Tomar posição por uma imagem de Deus que brota do crucificado que vive significa apontar para a vida de Jesus Cristo como sinal escatológico, Suas ações e palavras concretas como gestos profundos de amor e misericórdia que brotam do coração do Pai que sofre com a morte de Seu Filho e que o justifica no Espírito, que sofre a morte prematura de Sua criação e a salva na cruz e ressurreição de Jesus. Significa testemunhar essa vida de Cristo, optar por ela. Pois “para aqueles que decidem pelo caminho de Jesus, propõe-se uma vida de seguimento, na qual devem, primeiramente, optar por Cristo; depois, optar pelas opções de Cristo e, por fim, assumir as consequências dessa opção”<sup>90</sup>.

Sendo a vida de Cristo um caminhar segundo o desígnio do Pai, e nele toda a criação e toda a humanidade se encontram no fazer a vontade do Pai que é a plena comunhão no amor, resta ao cristão assumir como sua a própria vida e as escolhas de Cristo, se transformar em uma palavra que rompe o espaço privado e se torna arauto de esperança para o mundo, que se expande ao espaço público da vida e das decisões da humanidade.

Neste capítulo apresentamos a compreensão de Deus em J. Moltmann. Ele compreende Deus como Trindade no evento da morte e ressurreição de Jesus Cristo. O Cristo revela a Trindade. Na história do envio e entrega do Filho pelo Pai no Espírito Santo, a Trindade se revela aberta a esse mundo. Sente com esse mundo.

<sup>88</sup> RAHNER, K., *Curso fundamental da fé*, pp. 515-516.

<sup>89</sup> MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, p. 232.

<sup>90</sup> KUZMA, C., *O futuro de Deus na missão da esperança*, p. 178.

A procura por Deus e pela esperança em meio ao sofrimento, que estudamos no segundo capítulo dessa nossa pesquisa, e o encontro com esse Deus que vem na pessoa do Crucificado abandonado por Deus deixa claro que Deus não é apático. O evento pascal de Jesus Cristo desqualifica qualquer compreensão de Deus que o identifica sem mais com a categoria metafísica de impassibilidade. Deus sofre e no Seu sofrimento são assumidos os sofrimentos da humanidade. Assumidos e transformados na cruz e ressurreição de Cristo.

As consequências dessa compreensão de Deus apontam para o reconhecimento do amor gratuito que constitui o mais íntimo de Seu ser, que é comunhão. Deus cria, porque é Amor. Cria, porque quer a encarnação do Filho, desde toda a eternidade. Esvazia-se para criar, retrai para que o outro seja. Vai ao encontro desse Seu *outro* para que as estruturas de morte nas quais está encarcerado e que rompem essa comunhão fundamental sejam destruídas e surja desse evento uma nova comunhão. Deus sofre em Seu amor, porque é Amor. Sofre a expulsão de Seu Filho para que essa entrega alcance a todos, desde as trevas mais profundas e densas. E desde lá, brilha com a luz do Seu futuro, o reino da glória dos libertos, dos redimidos, dos glorificados.

O passo seguinte e conclusivo de nossa pesquisa se deterá no enunciado escatológico desse amor compassivo, sofredor, revelado na cruz e ressurreição de Jesus. É esse Deus que está ao lado de quem grita contra o absurdo do não-Deus do horror e do mal.